

28/04/2025

CADEIRA VAZIA

Valdir Specian

[Professor Universidade Estadual de Goiás. Doutor em Geografia.
Membro do Grupo Espaço, Sujeito e Existência Dona Alzira]

Faz alguns dias que observo uma solitária cadeira no pátio da universidade. Dia e noite, recebendo as chuvas de março e/ou exposta ao forte sol, ela resiste. Talvez aguarde alguém para se sentar ou esteja de mudança, à espera de um caminhão para transportá-la. Para onde? Não sei – decerto para onde lhe possam ofertar o devido valor – um banco universitário. Fato é que a cadeira está lá, imóvel, “sentada”, aguardando alguma coisa e/ou boa alma para lhe abrigar das intempéries. Até pensei em retirá-la do lugar, mas resolvi não intervir, já faz tantos dias e ela já parece compor o quadro daquela paisagem. Pensando por outro viés, a cadeira é uma representação social de nosso tempo. O esvaziamento da universidade, não temos mais alunos. A licenciatura, nossa principal oferta, não atrai nem os filhos das famílias mais humildes, outrora nosso público central. A cadeira diz para quem passa na rua “venha, ainda estou aqui e tenho vagas”. Nada, talvez ninguém perceba a pobre cadeira abandonada. A cadeira, assolada pelo tempo, não está sozinha. Ela faz parte de um quadro de desolação. O prédio da universidade parece um pouco com aquele hotel abandonado da floresta da Tijuca no Rio de Janeiro, perdido, vazio, alguns poucos aventureiros que se encostam. Os banheiros do prédio pouco funcionam, nas manhãs, todas as manhãs, o prédio sangra, uma misteriosa água escorre por trás dos banheiros, parece ser uma água límpida. Quando os primeiros alunos chegam, a água, envergonhada, se recolhe. As telas do entorno do prédio que deviam prover a segurança – *para quê segurança no espaço de saber???* – estão caindo! A energia é um capítulo à parte, como na música do Paulo Vanzolini:

*bate uma, a outra faia**Os óio se enche d'água**Que até a vista se atrapaia, ai, ai, ai...*

O prédio parece uma fotografia de filme que trata de antigas casas das áreas rurais, abandonadas e despedaçadas. Mas ainda resiste. Tem pessoas, ainda que muitos façam breves visitas semanais. Os poucos alunos, desconfiados, aparecem. Acho que eles esperam por dias melhores ou não sabem o que pode ser melhor. Se habituaram ao quadro de melancolia, reproduzem o discurso neoliberal do estado mínimo. As cadeiras, insólitas cadeiras – mesmo imóveis são usadas nas danças das cadeiras. São disputadas, prometidas, usurpadas, roubadas e trocadas – viram moedas, mas nunca saem do lugar.

Mas a cadeira, vazia, pode também representar o *estado das coisas*.

A cadeira está vazia de gestão. O lugar não ocupado, abandonado à própria sorte. A cadeira é o símbolo de um estado que abandonou a universidade pública. Que interveio, criticou, tirou recursos e acusou. E permitiu que aqueles que poderiam ocupar a cadeira não se preocupassem. Bem como participassem de um jogo solene de fechamentos. Talvez o problema seja a burocracia imposta.

A universidade, que deveria produzir saberes, é asfixiada por um monte de regramentos de controle. O controle do conhecimento é mais importante que o próprio conhecimento, uma espécie de vigilância 24 horas por dia e todos os dias da semana. Um *big brother*.

Talvez seja necessário registrar um processo no sistema eletrônico de informações (SEI) para solicitar ao coordenador que solicite ao diretor, que deverá encaminhar o processo ao superior, que despacha para mais um chefe e o supervisor, e esse último irá destacar um técnico que tenha habilidades de conversar com cadeiras. O técnico, lotado em outra repartição, terá que fazer uma série de requerimentos que encaminhará para inúmeros setores até que alguém possa autorizar a sua viagem até o local da cadeira vazia. Chegando lá, após uma minuciosa análise, preencherá papéis e despachos, que destinará, via SEI, para inúmeras pessoas examinarem. Estas, sentadas em suas cadeiras fofas, farão uma leitura “*sem ler*”, e novos despachos... Para enfim tomarem uma decisão. O último despacho antes da (re) avaliação:

Alguém precisa se sentar na cadeira!

Ainda que não faça nada, que seja movido pelo silêncio ensurdecedor, mas a cadeira, agora triste, estará ocupada. Eis um retrato da gestão para com a universidade. Qual universidade? Talvez não exista! Já se foi...

É como a estrela que avistamos no céu – *É, mas já não existe mais*.

Talvez não seja a universidade e sim um importante e burocrático centro de pesquisa. Em que os pesquisadores são avaliados pela quantidade de despachos que realizam em seus sistemas eletrônicos. “*Neste mês consegui bater o recorde de despachos – quiçá serei promovido*” ...

Não é nada disso, tudo está bem...

O texto é apenas uma alegoria para falar de uma cadeira vazia.



Foto: Acervo do autor.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.